

GRAVURA COMERCIAL OU APLICADA EM GOIÁS: DOCUMENTAL, PUBLICITÁRIA E DE ILUSTRAÇÃO

Edna de Jesus Goya - UFG

Resumo

A finalidade do texto, de base histórica, é falar um pouco da *gravura aplicada em Goiás*, conhecida como gravura *documental* ou *comercial*, com o intuito de mostrar que embora o estado de Goiás tenha sido um dos últimos a ser não só colonizado, mas de fato ocupado, ainda assim, praticou a gravura comercial, com finalidade de fazer documentação, no século XIX, e destinada a propaganda e a ilustração, sendo estas últimas, praticadas a partir dos anos de 1960, iniciada por Luiz Curado. Na ilustração esta vinculada à poesia e textos, em jornais e revistas, elaboradas manualmente, a partir da década de 1960.

Palavras-chave: gravura; ilustração; propaganda

Abstract

The purpose of this paper, of historical base, is to show a little of the engraving used in Goiás, known as documentary or commercial engraving, with the aim to show that although the state of practiced engraving business, aiming to make documentation in the nineteenth century, and designed to advertising and illustration, the latter being practiced since the 1960s, initiated by Luiz Curado. In this illustration linked to poetry and texts, in newspapers and magazines, manually compiled from the 190s.

Key-words: *graving; illustration; marketing*

Como necessidade de se estabelecer os parâmetros conceituais que nortearão a compreensão do texto será feito, num primeiro momento, a conceituação de gravura, bem como as diversas funções e áreas a que esse tipo de arte se destina. Posteriormente, os esclarecimentos necessários à compreensão dos métodos e técnicas, específicos da linguagem impressa, sem perder de vista os fatores *múltiplos*.

A gravura é uma forma de expressão e linguagem que nasceu sob o signo da multiexemplaridade e, por esta razão, sempre esteve ligada à *aplicabilidade*. Faremos ainda, uma breve diferenciação sobre gravura *erudita* e *popular*.

Originariamente associada ao livro, a gravura nasce como um fenômeno de massa, e, assim, permanece mesmo após 1816, quando pelo movimento modernista, associado ao desenvolvimento das técnicas de impressa, com a litografia que da origem ao offset, se desvincula do livro, e passa a ter existência autônoma, como arte e linguagem. O que lhe assegura esse sentido de massa é a sua *multiplicidade*, assegurada pela possibilidade de reprodução da imagem pela matriz, ainda que a obra ou “evento”, a tiragem de cópias, seja reproduzida apenas uma vez.

Com base em Adorno (1988) e em Benjamin (1983), pode-se afirmar que a gravura se torna um fenômeno de massa a partir de sua efetiva reprodução. A multiplicidade da gravura permite sua aquisição e fruição por várias pessoas ao mesmo tempo, o que a torna uma arte “democrática,”¹ em contraposição a outras formas de arte que satisfazem apenas a uma elite diminuta, devido à unicidade, a exemplo da pintura e escultura.

A gravura também pode ser entendida como *prancha gravada* ou *matriz impressa*, o que não significa que seja uma gravura de arte, como é o caso da gravura de cunho industrial, gravura documental ou fotogravura. Ferreira (1994, p. 32), utiliza os termos *gravura artística*, *gravura artesanal*, *gravura autográfica* ou *gravura manual* para indicar o ato ou efeito de gravar, para referir-se à arte de gravar, ao trabalho do gravador que resulta numa estampa, ou seja, usa esses termos para nominar a gravura manufaturada pelo próprio artista.

A este trabalho nos interessa focar a gravura documental e industrial, também chamada de gravura comercial ou aplicada. A diferenciação dos termos tem a finalidade de orientar sobre essas formas de gravura praticadas em Goiás. Essa modalidade de gravura, assim como a gravura artística, tem existência garantida por lei e obedece a normas de controle que lhe asseguram a sobrevivência. Desconsideram-se, neste caso, as gravuras de *reprodução*². Estas são feitas por impressores profissionais que reproduzem obras dos artistas para divulgar seu nome e sua pintura.

A gravura assim como várias outras formas de linguagem têm sua origem no ato de arranhar, escavar ou gravar, nas culturas primitivas, ligadas aos fatores comunicacionais. O ato do gravar assim como o desenhar, pintar, modelar, é uma

prática tão remota quanto a própria presença humana. A gravura ou estampa, obra gravada, é resultado da imagem trabalhada numa base denominada matriz, cuja finalidade é estampar, para repetir em série o que foi depositado na fôrma. Reproduzir, neste caso é finalidade inerente à matriz, pois é feita para multiplicar a imagem quanta vez o artista desejar.

A princípio, o gesto de gravar foi praticado com o fim de adornar objetos, utensílios, armas, indumentárias, enfim. Porém, o ato do imprimir uma imagem sobre uma superfície, teve suas raízes na Idade Antiga, nos países do Oriente.

A palavra *gravura* define e envolve um universo amplo e variado de ações e técnicas de reprodução de imagem e texto, que estiveram ao longo da história, voltadas diretamente e dependentes dos processos mercantis e pré-industriais, desencadeados a partir do fim da Idade Média e começo do Renascimento.

Do ponto de vista conceitual, gravar é fazer permanecer para o futuro um significado, depositado sobre uma chapa (matriz) por meio de gravação, incisão, repulsão, vedação ou por adição. Neste sentido, fazer gravura é perpetuar uma marca para comunicar algo. A gravura é por excelência uma arte gráfica, devido as suas raízes estarem ligadas ao desenho e a imprensa (ao texto solto e ao livro). Aos poucos, foi se distanciando do aspecto utilitário e caminhando em direção a busca da autonomia enquanto linguagem poética. Por ser uma arte gráfica, esteve sempre ligada à informação e, portanto, tem uma história própria, vinculada a imprensa.

A multiplicidade é o fator que caracteriza a gravura, é o objetivo dela. Na gravura, o múltiplo é a matriz, e, o múltiplo neste sentido, é idêntico, pois é resultado de repetidas impressões da matriz sobre um suporte. Se matriz ou molde na escultura é o processo de identidade da peça, sem preocupação que o múltiplo seja idêntico, mas apenas similar, e diferente ao mesmo tempo, na gravura é o diferenciador, pois a gravura só existe como reprodutibilidade, como múltiplo ou cópia. A diminuição da tiragem (das cópias) é uma imposição apenas mercadológica.

A natureza da gravura é alquímica, uma vez que a imagem é resultado de uma série de ações e reações de materiais (ácidos, pigmentos, tintas, agentes mediadores

como: solventes, vedantes, gorduras, redutores de secagem, enfim.), que controlados pelo artista agem e reagem sobre uma chapa.

Se na pintura, a imagem pode nascer do gesto do pintor, a partir de sobreposições de pigmentos que, às vezes se apagam e se constroem em mobilidade, podendo tornar-se caminho vago em busca da definição, pelos movimentos, gestos contínuos em busca de configurações e formas, o *fazer* gravura implica obter um resultado que depende de atos que exigem rigoroso apuro técnico e disciplina. O ato de gravar envolve o artista numa sucessão de fazes de execução que, aos poucos, se revelam, por meio das Provas de Estudo (PEs.) a intimidade do artista, até que da matriz e da impressão surja a imagem final - a Prova do Artista (PA). Nesse processo, nem sempre é permitida a *indecisão*.

A gravura envolve um processo artesanal; ela é um artesanato do qual é impossível eliminar ou substituir as várias etapas. Desde a preparação das matrizes com inversão da madeira ou no desenho e na corrosão do metal e da pedra litográfica até a preparação dos papéis e das tintas, para chegar às provas de estado, e, finalmente, a impressão da gravura em preto e branco ou em cores, esse processo é sempre lento. Ele abarca também duas inversões da imagem, que tampouco podem ser eliminadas. É um trabalho complexo. (Marcos LONTRA, 1994, p. 13).

Com base em Benjamin, como já comentado alhures, neste trabalho, pode-se afirmar que a gravura torna-se, pela multiplicação, um fenômeno de massa – de público – a partir da efetiva reprodução. A produção em série possibilita a várias pessoas, de diferentes lugares, a sua contemplação em simultaneidade de tempos e espaços. Essa característica diferencia a gravura de outras linguagens como a pintura, a escultura e o desenho que preservam o caráter de unicidade. A gravura é a arte considerada mais democrática por baratear as obras para alcançar todas as camadas da sociedade.

A gravura original “é aquela cujo desenho de origem e o traçado no metal, madeira ou pedra são feitos pelo próprio artista” (CLÉRO, 1974, p. 156). Às vezes ele é responsável tanto pelas atividades intelectuais de criação quanto pelas manuais - de gravação e impressão. Daí a denominação “gravura original”, “autogravura” ou “gravura manual”. Atualmente, admite-se, na gravura de arte, que as atividades de impressão do trabalho sejam feitas por terceiros, mas que tenham conhecimentos especializados.

Numa tentativa de fazer uma distinção entre *gravura artística* e *gravura comercial ou aplicada* recorreremos a Ferreira (1994) que considera gravura de arte ou erudita é aquela cuja execução exige maior referencial teórico e pleno domínio das diversas técnicas de elaboração. É manufaturada pelo próprio artista, segundo sua concepção plástica e feita por meio de um conjunto de técnicas específicas. A gravura de arte ou gravura erudita, por sua vez, é aquela. Para este autor, a gravura de arte é aquela em que a criação do desenho, o entalhe e a impressão são realizados pelo próprio artista, ao qual são atribuídas as funções tanto intelectuais (de criação) quanto físicas (gravação e impressão). Daí a denominação “gravura original”, “auto-gravura” ou “gravura manual”.

O termo *estampa* diz respeito à arte impressa realizada pelos processos *diretos* e *indiretos*, por meio de *fôrma* ou matriz, que tem como objetivo reproduzir o evento (a estampa) quantas vezes o artista desejar. A imagem, por sua vez, pode ser obtida por um processo de impressão ou pela permeação, entrelaçamento de vários métodos e técnicas.³

Não queremos, todavia, excluir as outras espécies de gravuras, mas ressaltar as diferenças da gravura artística e da aplicada. Não estaremos abordando com profundidade outros tipos de gravura, como é o caso de algumas estampas ligadas à reprodução comercial. Incluídas nesta categoria estão as seguintes modalidades: a) estampas obtidas de uma matriz, gravada por outra pessoa que não seja o próprio artista; b) gravura de interpretação, aquela que o artista entalha a matriz a partir do desenho de outro; c) gravura de reprodução, estampa reproduzida a partir de outra gravura, pintura ou desenho. Esse recurso é muito utilizado, difundido e praticado até os dias de hoje por artistas, com a finalidade de divulgação de outros tipos de produção plástica, incorporados pelo mercado de arte. Refere-se exclusivamente a edição de imagens de artistas pintores, com o intuito de divulgar sua obra é torná-la mais acessível, embora sem valor artístico, por serem apenas cópias de obras.

A gravura documental, tanto quanto a gravura industrial, também chamada de gravura comercial ou gravura aplicada têm a garantia de sua existência do ponto de vista legal e obedecem a rígidas formas de controle que lhes asseguram a sobrevivência. As matrizes feitas com essas finalidades destinam-se, geralmente, a

ornamentos, a reproduções, a outros tipos de impressão e, ainda, à elaboração de anúncios ligados à propaganda. Tudo isso é compreendido como *gravura aplicada*.

A propósito, esse termo deve ser aqui utilizado para gravura, cuja finalidade principal está ligada à ornamentação, divulgação de ideais e valores, a exemplo da gravura utilizada pela publicidade, na qual os processos de criação e de impressão estão a serviço da propaganda, para divulgar um produto ou idéia.

Na gravura de fins aplicativos, os elementos estéticos só se justificam na obra - na estampa - em função do que a peça publicitária quer conotar ou divulgar. Assim sendo, na gravura aplicada, à arte serve apenas como meio, como elemento mediador, como suporte visual e estético colocado a serviço de um objetivo maior – “comunicar”, “divulgar”. Está direcionada a uma clientela que, logicamente, deve possuir referencial teórico, estético e simbólico suficiente para fazer o tipo de leitura desejado (da obra em si e do produto veiculado). Os elementos estéticos servem principalmente com forma de sustentação, e para valorizar o contexto em que o produto está inserido.

A gravura de arte, por sua vez, é desprendida de uma finalidade prática ou como afirma KREJCA (1990, p. 11):

(...) “es la creación autónoma, sin fin o destino práctico directo, de una estampa que traduce gráficamente una idea del artista como lo haría un cuadro o una escultura. El grabado de aplicación es, por el contrario, tributario de una intención práctica: ilustración o decoración de un libro, cartel, ex-libris, christmas, publicación comercial, etc.”⁴

Cabe, ainda, fazer aqui uma distinção entre gravura erudita e gravura popular, uma vez que nosso objeto temático e, neste momento, se refere não ao processo de criação da gravura de arte, à gravura erudita, mas a gravura aplicada.

A gravura popular pode não congrega apenas os valores artísticos ou documentais, visto que seus objetivos são dirigidos à comunicação imediata e pode utilizar-se de quaisquer meios de impressão (relevo, oco ou plano). O que vai fazê-la diferenciar-se da gravura erudita é o seu propósito, *comunicar*. Ela tende ora para o moralismo, ora para a exemplificação ou para a representação simbólica. Às vezes, assume a

função de objeto estético ou de documento de valor etnológico ou sociológico. Sua sobrevivência está na tradição oral.

O polonês W. SKOCZYLAS (apud Costa FERREIRA, p. 32) afirma que “se devem considerar como tais às gravuras desenhadas e cortadas na madeira por gente simples do povo, que não faz estudos artísticos ou profissionais e que adquire seus conhecimentos em Arte espontaneamente ou por tradição, transmitida de pai para filho” (Desconsideram-se, neste caso, as gravuras feitas por profissionais destinadas ao povo).

A gravura erudita ou artística, por sua vez, é resultante de um processo ou de vários e de elaborações técnicas e práticas. Portanto, é feita por profissionais que possuem conhecimentos específicos e aprofundados na área. Em decorrência, exige maior referencial teórico na sua elaboração.

Em função de os processos e técnicas de impressão de gravura não serem o nosso objetivo principal, os esclarecimentos dados serão apenas para que se tenha uma noção do conjunto de meios, métodos e técnicas de impressão mais conhecidas.

A arte de reproduzir imagem constitui-se de cinco processos básicos de impressão: a xilografia (gravura em relevo feita geralmente na madeira), em que se imprime a parte não arrancada da madeira; a calcografia (gravura em talho doce, em oco, côncavo, curva ou entalhe, realizada em metal), processo em a imagem resulta da área arrancada e entintada; a gravura planográfica ou litografia (gravura sobre pedra), baseada na repulsão entre água e gordura; a serigrafia, gravura resultante da permeação da tinta pela trama da seda ou malha ou por estampilha (molde vazado) e a *collagraph* (1920), processo de impressão cuja matriz resulta da colagem de materiais, diversos, sobre uma base. Conta-se ainda com a “Gravura fotomecânica”, termo genérico, utilizado para indicar todos os processos que recorrem à fotografia para a construção de matrizes para impressão mecânica.

Gravura e aplicabilidade no Brasil

No Brasil o ato de gravar é bastante antigo e foi praticado tanto pelas sociedades primitivas campestres que gravaram em utensílios, paredes de cavernas como pelos índios que imprimem usando o processo da xilografia, tipo carimbo. Porém, do ponto

de vista da legitimação dessa prática pela sociedade brasileira, esta se dá gradualmente e fortalecido pelo desenvolvimento da imprensa.

Aqui no Brasil, assim como em vários outros países do mundo, a exemplo da Alemanha, da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, a gravura - em madeira, metal, pedra ou estampilha (vedação ou *nylon*), também nasceu sob o signo da aplicabilidade e vivenciou três etapas de usos:

- a) *gravura documental*: utilizada na realização de mapas, registros de fauna e flora e documentos, praticada especialmente no Brasil colônia;
- b) *gravura comercial*: aplicada a propagando e a outros aspectos do comércio;
- d) *gravura de arte*: feita pelos artistas plásticos, realizada a partir dos anos de 1920.

Até as duas primeiras décadas do século XX a gravura teve, em nosso país, cunho comercial ligado especialmente aos fatores utilitários: à ilustração, à imprensa, à estampagem de tecidos, à propaganda e ao ornamento, desatrelando-se desses aspectos somente a partir dos anos vinte quando começa a ser praticada pelos artistas, iniciada pelo movimento moderno de tendência expressionista.

Os processos de impressão se desenvolvem, no Brasil, de forma seqüencial a começar pela xilografia que se faz presente desde a colonização, mesmo que de modo clandestino devido a proibição pela Colônia. A oficialização dessa prática, no entanto, se deu com a vinda de D. João VI, depois de 1808, com a Imprensa Régia, através da calcografia (Gravura em metal) e da litografia (gravura em pedra).

Com a transferência da corte para o Brasil, a colônia experimenta uma nova fase no campo sócio-econômico e cultural: o estabelecimento de relações com as várias nações amigas, a instauração de novas instituições, a vinda de missões científicas de outros países, a ativação do comércio, ou seja, alcançaria todo o desenvolvimento resultante da busca da modernização, objetivo do novo projeto civilizatório de seus novos dirigentes. É como parte desse novo projeto é que se desenvolve, aqui, a gravura em metal e a litografia, ambas, ligadas à imprensa.

Na gravura em metal tem-se como primeiro gravador o jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), que deixou uma obra intitulada “Natividade”, gravada em buril. A partir de então, a calcografia foi se desenvolvendo de forma significativa mediante as técnicas do talho doce e buril, ligadas à gravura aplicada e posteriormente pela gravura de arte que começa a ser praticada com Carlos Oswald, entre 1908 e 1918, começa a tomar novo impulso com o abstracionismo e do uso da cor com a influência indireta de Gotthard Friedländer (ou Johnny Friedländer), alemão naturalizado francês, importante gravador contemporâneo, que ministra um curso de gravura, em 1959, para artistas, do qual participa Marcelo Grassmann, um dos grandes nomes da gravura artística em metal no Brasil.

É também no meio dessas profundas mudanças que surge a litografia, trazida por Johann Jacob Steimann, em 1926, com a finalidade de imprimir mapas, cartas e projetos para o exército. Contudo, Laurence Hallewell na obra “O livro no Brasil”, afirma ser Arnaud Marie Julien Pallière, de Bordeaux, o primeiro litógrafo a praticar a técnica no Brasil, em 1919, para o Arquivo Militar e logo substituído por Johann Jacob Steimann, da Basileia, que teria aprendido a técnica com o próprio Aloys Senefelder, na Alemanha. A revivescência da litografia do ponto de vista estético, no entanto, iniciada na década de 1960 é consolidada na década 1970 juntamente com a serigrafia.

A serigrafia é outro processo que como a xilografia, a litografia e a calcografia, surge ligada a fatores comerciais. No Brasil, teve sua valorização como forma de arte a partir da segunda metade do século XX. Na verdade o seu desenvolvimento é bem mais recente do que os outros meios de impressão. Sua evolução enquanto processo de impressão deu-se a partir de 1914, no EUA e reafirma-se em 1930, ligada a reprodução de *massa*, incentivada pela movimentação das guerras mundiais que recorreu a serigrafia para estampar armas e acenais bélicos.

Apesar de a serigrafia ter sido introduzida, no Brasil, quase simultaneamente ao seu desenvolvimento nos EUA, na década de 1930, nasceu como todos os outros processos de gravura, vinculada aos fatores comerciais, com o uso de materiais, em sua maioria, importados. Aqui, foi se desenvolvendo aos poucos, sendo reconhecida e praticada tardiamente pelos artistas. Já no se refere aos materiais quase nada foi

acrescentado a este processo. Apenas foram feitas pequenas adaptações em alguns produtos criados e produzidos pelos Estados Unidos.

Do ponto de vista artístico, a serigrafia somente tem o seu reconhecimento no Brasil, nos anos de 1960 e se consolida nos anos de 1970, juntamente com a litografia, mas ainda convive com o drama do preconceito por estar mais do que outros processos vinculados aos aspectos comerciais e de reprodução de imagem.

Já a *collagraph* é um dos últimos processos de impressão a ser praticado no Brasil, sendo utilizado exclusivamente por artistas, e teve como fundador Odetto Guersone, gravador paulista, que utiliza, na década de 1940, fios e plásticos, colados ou costurados a uma base para construir matrizes e produzir imagens, processo este que deu origem a filigravura e a plástigrafia, imagem obtida a partir de plásticos recortados utilizados como matriz para fazer impressão.

Como vimos, à legitimação e o desenvolvimento dos processos de impressão no Brasil deve-se a instalação da Corte, com a chegada de D. João VI, que permitiu ao Brasil Colônia experimentar os avanços sócio-econômicos e culturais já vividos pelos países da Europa.

A gravura aplicada em Goiás

Em Goiás, não diferente dos demais estados brasileiros, como Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Minas Gerais, o desenvolvimento da gravura deu-se com diferentes funções – artística e aplicada - e numa seqüência gradativa do aparecimento dos processos e técnicas, aspectos que dá a gravura de Goiás uma certa consonância com o desenvolvimento dessa linguagem no restante do país, embora a gravura artística tenha surgido mais tardiamente, em 1954.

Aqui, a gravura também foi praticada com diferentes funções: documental, comercial e artística. Passa por diferentes etapas de assimilação e prática:

- a) gravura de representação ou documental foi praticada pelos viajantes, e destinada ao registro de costumes, hábitos, retratos, fauna, flora e mapas;
- b) gravura de ilustração esteve vinculada a propaganda e ao texto escrito;

c) e a gravura de arte, passa a ser realizada pelos artistas plásticos, a partir de 1954, com a criação da primeira escola goiana superior de arte – a EGBA.

A gravura de representação ou documental diz respeito à elaborada durante a colonização dos portugueses, no período de exploração. Em Goiás foi praticada pelos viajantes para registrar, retratar e documentar.

Em Goiás, Oscár Leal⁵ evidencia-se como um destes viajantes, considerado “aventureiro”, faz uso da gravura documental. Embora não se dispusesse do domínio da técnica e de artistas na sua caravana para retratar e documentar o que considerava importante durante suas viagens ao Brasil, ainda assim, faz importantes registros do centro do Brasil. Manda desenhar e gravar imagens de suas viagens. Deduz-se que o viajante levava para Portugal as informações e as descrevia para artistas gravadores para que fizessem importantes narrativas visuais, como cita o livro *“Viagem as Terras Goianas: Brasil Central”*, editado pela primeira vez em 1892, em Lisboa (Portugal) e, em 1981, pela Universidade Federal de Goiás. A obra traz a público várias photo-xilogravuras produzidas por Reinhol e Pastor.

As imagens narram visualmente cenários e personagens, comuns, e da vida pública, a exemplo de autoridades. Retrata visualmente cenas que ressaltam valores e costumes da cultura goiana e descrevem visualmente cidades goianas.

Pelas gravuras de Oscar Leal pose-se ter informações sobre o viajante Oscar Leal, cidades de Goiás, costumes, personagens, paisagens do cerrado goiano. O livro revela ainda imagens utilizadas, na ilustração, para a abertura de textos literários do século XIX, semelhantes às iluminuras, ou miniaturas, um tipo de pintura decorativa, para a elaboração de letras capitulares, utilizadas para a abertura dos capítulos dos códices de pergaminhos medievais. O termo se aplica ainda ao conjunto de elementos ilustrativos e representações imagéticas, executadas nos manuscritos, produzidos principalmente nos conventos e abadias da Idade Média. A sua elaboração era um ofício requintado e de muito valor no contexto da arte do período medieval. As figuras também são utilizadas para dar indicações de começo e de fim de páginas. A função era de ornamentar os textos escritos.

A gravura utilitária também foi praticada, em Goiás, pelos artistas plásticos para fins de imprensa, propaganda e ilustração de textos. Era feita de modo artesanal, com estampas associadas ao conteúdo escrito, a exemplo das gravuras de Luís Curado (1919-1996), fundador da primeira Escola de Belas Artes de Goiás, em 1954. Ele fez ilustrações para a Revista de arte da EGBA “Arte Nossa” N° 1, dedicada a *Don Fernando Gomes dos Santos*. A Revista foi feita artesanalmente na *Sala de Desenho Aplicado*, em 1956. As duas xilogravuras de Luís Curado ilustram o texto “*A alma criadora de símbolos*”, do Padre O. Wilela.

Outros vestígios da gravura aplicada à propaganda podem ser vistos na obra de Luís Curado, que dedicou parte de sua produção à gravura com fins de ilustração. Os cartazes, com imagens e textos com cores fortes, visam comunicação mais imediata, para promover eventos. O método de impressão é a serigrafia. Luís Curado recorre, na década de sessenta (1968) a esse método para realizar peças publicitárias para a divulgação de eventos e cursos. Todavia, a influência de Luís Curado sobre os artistas refere-se à gravura de Arte, moderna, como é o caso de Frei Nazareno Confaloni (1917-1977) e D. J. Oliveira (1932-2005) que aprendem, com Curado, xilografia e serigrafia.

Confaloni faz xilogravura para ilustrar textos como “*Uma mensagem aos artistas de hoje*”, e “*Ei, você aí, me dá um dinheirinho aí*”; e “*Brasília – cidade nova*”. Confaloni ilustra, ainda, com duas gravuras, a poesia de Regina Lacerda “*Cantilenas da cidade*”, publicadas na Revista “Arte Nossa”, editada manualmente, na sala de Desenho Aplicado da Escola de Belas Artes de Goiás, em 1954/55. O poema faz alusões à cidade de Goiás, focalizando a cotidianidade: sua calma, tristeza e esquecimento.

Conta-se ainda com as gravuras de ilustração “O Pianista” de Cristiana F. Castro (xilografia) e de Edméia J. Machado, intitulada “As Florestas” (xilografia). Ambas são realizadas para ilustração de poemas. Conta-se ainda com a gravura de P. V. Alce, que faz uma caricatura ao amigo Frei Nazareno Confalini, em xilografia, para ilustrar o texto “*uma homenagem aos artistas de Hoje*”. A gravura é publicada na *Revista Arte Nossa página 4*.

Têm-se ainda outras gravuras, realizadas para ilustrar livros, tais como “*Parada em Vale do Sol*”, novela de Eli Brasiense. A estampa é realizada por Reinaldo Barbalho.

Embora a gravura de ilustração conviva com a gravura artística nas décadas de 60 a 80 ela, praticamente, deixa de ser praticada em Goiás, deixando espaço apenas para a gravura de arte, iniciada no começo de 1954, com a primeira escola goiana de arte - Escola Goiana de Belas Artes (EGBA) e, posteriormente, com a segunda escola, o Instituto de Belas Artes de Goiás (IBAG).

Como foi mostrado, apesar da gravura ter chegado, em Goiás, no início dos anos cinqüenta, a trinta anos de sua libertação das funções utilitárias, nos outros Estados do Brasil, ainda assim é praticada aqui, com essas funções.

A partir da introdução da gravura nas duas escolas – EGBA, em 1954, e no IBAG, em 1967, essa arte passa a ser trabalhada por muitos artistas de Goiás, com ênfase nos aspectos criativos e expressivos. Os gravadores goianos praticam quase todos os métodos e técnicas de impressão: xilografia, calcografia, litografia, serigrafia e *collagraph*, deixando apenas os processos fotomecânicos fora de suas preocupações.

¹ Embora a gravura adquira o sentido de arte democrática possibilitado pela reprodução com uso da fôrma, ainda assim não pode ser considerado um produto totalmente democrático, devido às limitações de tiragem, pois, em contraposição à tentativa de socializar a arte, o artista, pressionado pelas regras do mercado, procura encurtar a tiragem da produção para superar os preconceitos e também valorizar a obra.

² Gravura realizada por profissionais outros, não gravadores, com fins apenas de reproduzir obras de arte, prática feita por muitos artistas com fins de divulgação da pintura.

³ O termo aqui colocado significa recorrer-se dos vários métodos de impressão para a obtenção de uma imagem, seja o relevo (xilografia), a gravura em oco, curva, ou côncavo (calcográfica) ou as planográficas (litografia e serigrafia).

⁴ - (...) “é a criação autônoma, sem fim objetivos, ou destino prático direto de uma estampa, que traduz graficamente uma idéia do artista como faria uma tela e uma escultura. A gravura de aplicação, ao contrário, tem uma intenção prática: ilustração ou decoração de um livro, *ex-libris* (selos), religioso ou publicação comercial, etc.”- Tradução nossa.

⁵ Oscar Leal era membro da Sociedade de Geographia de Lisboa, da S. A. às Letras e de outras corporações científicas. Foi um dos últimos viajantes a passar por Goiás. Filho do Comendador Jacinto Leal de Vasconcelos (português), nasceu no Rio de Janeiro em 1862, tendo realizado a viagem em 1882, aos 20 anos. Teve sua educação na área literária em um colégio de Funchal, em Portugal. Ao concluir os estudos voltou para o Brasil e iniciou uma série de viagens pela América Latina e depois pela Europa.

REFERENCIAS

ADORNO, Teodor W. *A indústria cultural*. In: Sociologia. Cohn, Gabriel (org.). São Paulo, Ática, 1986.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. Trad. José Lino Grunnewald et al. 2. ed. São Paulo: Abril, 1983.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*. São Paulo: Edusp, 1994.

LONTRA, Marcos. In: SESI. Galeria São Paulo. Coleção Gilberto Chateaubriand: Poética da Resistência - Aspectos da Gravura Brasileira. São Paulo, SESI; Rio de Janeiro – MAM. 164 p. 71 il. 30cm. color 1994. Catálogo de Exposição 7 nov., p. 13).

CLÉRO, Calude. *As atividades plásticas na escola e no lazer*. São Paulo: Cultrix, 1974, p.156.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 32).

KRJKA, Ales. *Las técnicas del grabado*. Madrid: Editorial LIBSA, 1980, p. 11.

Edna de Jesus Goya

Professora da Faculdade de Artes Visuais/UFG – GO, Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP; Mestre em Arte Publicitária e Produção Simbólica pela ECA/USP-SP (1998); Curso de Especialização em Educação (UCG, 1986) e em Arte-Educação (UFG, 1989); Bacharel em Artes Visuais, Habilitação Gravura (UFG, 1992) e Licenciatura em Desenho e Plástica (UFG, 1983). Coordenadora de Estágio Curso de Artes Visuais – Licenciatura da FAV/UFG e Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/FAV/UFG). ednajgoya@yahoo.com.br